



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A COTIDIANIDADE NA FILOSOFIA DE HEIDEGGER E NA ARTE DE VAN GOGH: possíveis contribuições para a educação

ANA JULIA SILVA OLIVEIRA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

CAROLINE VASCONCELOS RIBEIRO²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

Este trabalho busca, a partir de um diálogo entre a filosofia e a arte, mostrar como a educação pode se servir da forma como Heidegger e Van Gogh – de diferentes maneiras – conferem destaque para o cotidiano. Leituras heideggerianas da educação apontam para o fato de que a vida cotidiana não é trivial, mas essencial para uma aprendizagem emancipadora e cuidadosa. Por sua vez, Van Gogh confere centralidade à vida camponesa e, ao pintar os camponeses, não visa apenas documentar uma cena, mas valorizar a dignidade presente na rotina do trabalho rural. Ele via na vida cotidiana de camponeses uma verdade existencial, uma imersão honesta na abertura de mundo que o plantio da terra convidava. Essa visão sobre a imersão na vida cotidiana pode ser frutífera para a filosofia da educação, uma vez que aponta para a valorização dos saberes não-formais e reconhece o valor das singularidades dos discentes. Com essa comunicação visamos examinar a maneira como o filósofo alemão e o pintor holandês valorizam os saberes cotidianos e, a partir disso, refletir sobre uma educação que valorize a pessoa humana com sua história, sua linguagem, seu jeito de ver o mundo, sua leitura dos fenômenos, seu saber não-formal.

Palavras-chave: Circunvisão. Cotidianidade. Educação.

Introdução

Na obra *Ser e tempo*, Martin Heidegger recoloca o problema do sentido do ser no horizonte da filosofia e indica que toda discussão deverá partir de uma análise dos modos de ser do ente que nós mesmos somos, que ele nomeia de *Dasein* (ser-aí). Este ente não é concebido à luz do legado da filosofia moderna, que destacou o pensamento como a insígnia que define a condição humana, mas a partir da ideia de que, no horizonte das ações cotidianas, doamos sentidos à realidade de modo pré-teórico e antepredicativo. O *Dasein*, antes de tudo e na maioria das vezes, está aberto e lançado no mundo a partir de suas ocupações cotidianas e nem sempre mobiliza um aparato cognitivo e racional para guiar seus afazeres. (Heidegger, 2015).

O *Dasein* (ser-aí) é um poder ser. Dizer isso significa dizer que o ser humano não é

¹ Discente do curso de Filosofia (UESB). Bolsista de Iniciação Científica 2025-2026 (PIBIC/AF/CNPq)

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (1997), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2000) e doutorado em Filosofia (2008) e pós-doutorado em Filosofia (2018) pela UNICAMP. É Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS).



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

simplesmente um ente entre outros, mas o único capaz de se compreender a partir de sua própria existência, que tem a capacidade de se relacionar consigo mesmo e com o mundo. (Heidegger, 2015; Gorner, 2018). O ser humano, enquanto um ser-aí, não é uma coisa a qual se destina categorias e propriedades, mas sim um ser lançado, marcado por uma tonalidade afetiva que guia suas ações em um mundo. Este mundo, originariamente, se abre pela compreensão, pela doação de sentidos, e não pelo conhecimento teórico e formal. (Loparic, 2004)

A vida cotidiana do *Dasein*, apesar de não se ancorar na racionalidade que objetifica e calcula a realidade, ancora-se em um saber. Heidegger (2015) nos fala de um saber compreensivo que orienta os afazeres e o nomeia de circunvisão (*Umsicht*). Trata-se de um saber não-formal, que guia os modos existir e atuar no mundo. Ao destacar este saber-fazer, este saber não-formal – que guia os afazeres – Heidegger confere relevância à vida cotidiana e elege a analítica da cotidianidade como caminho de acesso aos modos de ser do *Dasein* (Steiner, 1978). O cotidiano humano, abordado em *Ser e tempo*, é circunscrito ao uso que nós fazemos dos entes que encontramos à mão, ou seja, refere-se aos manuais (*ser-à-mão/Zuhanden*) que vêm ao encontro do *Dasein* em seu mundo circundante, o mundo dos afazeres cotidianos. Essa ocupação é pré-teórica e antepredicativa. Entendemos que a valorização deste aspecto da vida cotidiana é fundamental para o campo pedagógico, de modo que Heidegger é um filósofo frutífero para pensar a educação.

O pintor holandês Vincent van Gogh demonstra, em algumas de suas cartas e obras – especialmente as que retratam camponeses – grande interesse pela vida cotidiana. Ele busca captar a verdade dessas vidas, suas ocupações, suas organizações, relacionamentos e os atos que compõem a forma de viver de pessoas simples que se entregam aos afazeres cotidianos. Em cartas que escreveu ao irmão Théo, expressa um sentimento de pertencimento a esse mundo ordinário, ao mesmo tempo em que nele encontra uma razão de ser. Em uma carta, escreve: “Eu me envolvi tão intimamente com a vida dos camponeses de tanto vê-la continuamente e todos os dias que realmente não me sinto atraído por outras ideias” (Gogh, 2007, p.77).

Vincent van Gogh pinta os camponeses não apenas documentar uma cena, mas para valorizar a dignidade presente na rotina do trabalho rural. Ele via na vida cotidiana de camponesas e camponeses uma verdade existencial, uma imersão honesta e valorosa na abertura de mundo que a terra convidava. Vincent via na simplicidade da vida campesina muito saber, uma beleza profunda, mesmo que marcada pela pobreza e pelo sofrimento. (Gogh, 2007). Como afirma Loparic (2004), ao pintar o campo, a terra arada, as plantações de trigo, o semeador, a camponesa e o ceifador, Van Gogh nos abriu o mundo cotidiano de que tanto fala Heidegger.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Com essa comunicação queremos examinar a maneira como o filósofo alemão e o pintor holandês valorizam a vida e os saberes cotidianos e articular isso a uma reflexão sobre o quanto essa centralidade da cotidianidade pode ser importante para pensar uma educação que valorize a pessoa humana com sua história, sua linguagem, seu jeito de ver o mundo, sua leitura dos fenômenos, seu saber não-formal.

A existência e o valor do cotidiano: Heidegger, Van Gogh e a Educação

Heidegger reflete sobre o ser humano em seu cotidiano, enfatizando que a existência humana não é algo separado do mundo, mas se constrói na relação constante com ele. Neste sentido, não somos sujeitos apartados do mundo e este, por sua vez, não se reduz a uma coletânea de objetos. Na perspectiva heideggeriana, o mundo é o horizonte que se abre para nosso existir e, de início e na maior parte das vezes, nos lançamos neste horizonte engajados em afazeres. Heidegger destaca que: “pelo fato do ser-no-mundo pertencer ontologicamente à presença [*Dasein*], o seu ser para com o mundo é, essencialmente, ocupação.” (Heidegger, 2015, p. 95).

O cotidiano, portanto, não é algo sem importância, mas sim horizonte fundamental no qual o ser humano se realiza e compreende a si mesmo. Na obra *As ideias de Heidegger*, Steiner esclarece que o filósofo rejeita o entendimento de que somos agentes racionais apartados do mundo da experiência comum:

O ser do homem deve ser um *ser-aí* [*Dasein*]. Heidegger expõe agora a natureza do *ser-aí*. O ponto crucial é *Alltäglichkeit*, que significa *cotidianidade*. Toda a metafísica ocidental, deliberadamente ou não, tem sido platônica na medida em que procurou transpor a essência do homem partindo de sua vida cotidiana. Postulou um percebedor puro, um agente fictício da cognição separado da experiência comum. Desencarnou o ente através de um reducionismo introspectivo, da espécie dramatizada na dúvida cartesiana e na fenomenologia husserliana. [...]. Heidegger rejeita profundamente esse processo de abstração e o que ele considera o artifício resultante da compartimentação no exame do homem pelo homem. (Steiner, 1978, p. 73)

Nós não somos percebedores puros, seres exclusivos de abstração que só acessam o mundo mediante categorias racionais. O espectador “puro”, apartado da vivência cotidiana e que só existe porque pensa é um legado da filosofia moderna. Heidegger insiste em criticar este legado. Por isso, nos alerta que se nos reduzimos à condição de ser pensante, não alcançamos formas mais originárias de sermos no mundo. Essa forma mais originária é o compreender, que equivale a uma doação de sentidos anterior ao ato de tematizar. O saber não-temático, prévio e ancorado



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

nos afazeres é denominado por Heidegger (2015) de circunvisão (*Umsicht*). Pensar o ser humano como *Dasein* (ser-aí) implica dar relevo à sua concretude fáctica, a seu existir concreto guiado pela circunvisão. O existir é concreto, portanto:

Tomar o indivíduo como ser-aí, não é um requinte antropológico (adjetivo), mas uma exigência ontológica (substantiva), necessária à explicação do modo de ser deste que compreende o sentido de ser. O ser-aí é compreendido como a possibilidade de ser situado nas circunstâncias de seu mundo e ao constante exercício de existir neste. (Kahlmeyer-Mertens, 2010, p.216)

O *Dasein* não se ocupa com os instrumentos em seu horizonte de ação sem nenhum saber a lhe guiar, contudo, esse saber – ancorado em memórias de experiências concretas – não é um conhecimento formal, uma abstração teórica sobre o contexto. É um saber que atua no mundo que circunda o *Dasein* e, por isso, é um saber circundante, uma circunvisão. Esta visão não teórica sobre os entes e os contextos que se abrem para o encontro cotidiano, possibilita ao *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, operar nos mais distintos contextos sem ter que requisitar qualquer tipo de fundamentação abstrata. Não se trata de um “ver” no sentido contemplativo, portanto, a circunvisão é operativa, guia o afazer.

Apesar de Heidegger não ser exatamente um Filósofo da Educação, entendemos que sua ênfase no mundo circundante e na circunvisão pode contribuir para pensarmos a prática pedagógica. Ora, não é este saber que os discentes trazem consigo e muitas vezes não é valorizado no espaço formal das instituições educativas? Não é incomum, na concepção conteudista da educação, que o repertório de experiências, linguagens, leituras de mundo que os discentes carregam – e que possui muito significado para eles – não seja valorizado no espaço escolar. (Kahlmeyer-Mertens, 2010). É importante que o educador reconheça esse ponto de partida para criar conexões com a realidade existencial do discente e assim, além de ensinar assuntos formais, possa aprender com a realidade plural que eles trazem para o âmbito escolar. Sendo assim: “o professor em seu pensamento é quem mais aprende, por também estar aberto a aprender com seus alunos, processo que o autor alemão chamou de um conduzir mútuo até à aprendizagem” (Batista; Martins, 2021, p.137)

A atitude fenomenológica proposta por Heidegger implica se aproximar do que se mostra, tal como se mostra. Isso nos permite ver o humano no modo em que ele se encontra mais originariamente. E como nos encontramos mais originariamente? Ora, nos encontramos lançados no mundo, agindo e nos ocupando em distintas conjunturas. E ao fazermos isso, somos guiados primeiramente pela circunvisão e não por uma teoria formalmente aprendida. Valorizar esse saber e essa seara da cotidianidade implica se aproximar do outro. Isso fez Van Gogh com os



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

camponeses em Arles, no Borinage, em Saint-Remy ou em Auvers-sur-Oise (Naifeh; Smith, 2012).

As pinturas e cartas do pintor Vincent Van Gogh sobre os trabalhadores rurais retratam essa importância da cotidianidade, ou seja, o saber-fazer presente na vida cotidiana daqueles trabalhadores. A rotina árdua e repetitiva é retratada de modo a nos fazer imergir naquele momento. A tela *Os Comedores de Batata* (1885), por exemplo, mostra mais que do que uma obra meramente estética, nela podemos ver um momento de intimidade de uma família de trabalhadores em que camponeses partilham um alimento simples em um ambiente modesto. Ali está implícito um modo de ler o mundo repleto de saberes, impregnado de vida concreta. Trata-se de pessoas que sabem ler os sinais que a terra dá, sabem ler os sinais de tempestade, de estiagem, da colheita. E tudo isso é aprendizagem não-formal, é um saber decorrente das ocupações diárias, das condições concretas de existência. Van Gogh escreve ao seu irmão falando como sua pintura remete a uma imersão:

Seria um erro, na minha opinião, dar a uma pintura de camponeses um certo polimento convencional. Se uma pintura de camponeses cheira a toucinho, a comida, a batatas, perfeito! Isso não é nocivo; se um estábulo cheira a esterco, bom! É por isto mesmo que é um estábulo; se os campos têm um cheiro de trigo maduro ou de batatas, ou de guano e de esterco, é justamente aí que está a saúde, especialmente para as pessoas da cidade. Através de quadros como estes, eles aprendem algo de útil. Um quadro de camponeses não deve nunca ser perfumado (Gogh, 2007, p.80).

Defendemos que a visão de Van Gogh sobre a vida cotidiana dos camponeses apresenta uma convergência com a reflexão heideggeriana sobre o ser-aí (*Dasein*) na cotidianidade do mundo circundante. A ideia de ocupação, apresentada em *Ser e Tempo*, pode ser relacionada à ocupação dos camponeses descrita e pintada por Van Gogh a partir de sua vivência com os trabalhadores. Isso porque ambos apontam para a importância crucial de se valorizar a cotidianidade concreta e o saber da vida ordinária. Entendemos que o ser humano retratado nas obras de Van Gogh voltadas ao cotidiano dos camponeses pode ser um exemplo do ser humano descrito por Heidegger em sua analítica existencial. A cotidianidade capturada visualmente pelo pintor revela a profundidade existencial da vida ordinária que, longe de ser banal, é o espaço onde a vida se manifesta de forma mais direta.

Entendemos que a ênfase na cotidianidade e no saber que ela promove é algo que deve ser considerado pelas práticas pedagógicas. A vida cotidiana está repleta de saberes, de circunvisão e isso pode ser entendido como uma porta possível para acessar o discente, imergir em seu mundo, tal como Van Gogh fazia com os camponeses. Esta ênfase é um dos aspectos fundamentais da



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

filosofia heideggeriana e este modo de pensar o ser humano poder ser muito frutífero para a Filosofia da Educação. Em consonância com Kahlmeyer-Mertens (2010),

Assim, concordamos que a filosofia da educação cabe aos filósofos, mas também aos pedagogos e a todos os membros da comunidade escolar dispostos ao educar, fazendo da filosofia da educação (inclusive aquela que entende a educação como um eduzir o discente à possibilidade de sua singularidade) não um discurso de especialistas, mas de parceiros preocupados em libertar o indivíduo para seu próprio cuidado. (Kahlmeyer-Mertens, 2010, p.222)

Considerações Finais

A filosofia de Martin Heidegger rompe com a visão tradicional que reduz o ser humano a um ente meramente pensante, concebendo o *Dasein* como um ente que dá sentido, age e constrói no cotidiano. A existência humana se dá em sua relação constante com o mundo e com os outros, por isso, o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, encontra na cotidianidade não apenas o cenário de suas ações, mas o próprio espaço onde se revela e se compreende. Além disso, Heidegger nos alerta para a importância de valorizar a experiência cotidiana como um espaço rico para o desvelamento de nossas possibilidades de ser.

Essa valorização do cotidiano encontra um paralelo notável nas obras e cartas de Vincent van Gogh. Ao retratar a vida dos trabalhadores rurais, o pintor captou a profundidade que reside nas ações repetidas, nos gestos comuns e nas relações que estruturam a vida das pessoas. Obras como *Os Comedores de Batata* (1885), *Camponesa plantando batatas* (1885), *O semeador* (1888), *O descanso do meio-dia (após Millet)* (1890) traduzem visualmente o que Heidegger expressa: a vida ordinária como o lugar onde o existir se desvela, se vela e se revela.

Essa comunicação pretende, a partir de um diálogo entre a filosofia e a arte, mostrar como a educação pode se servir da forma como Heidegger e Van Gogh – de diferentes maneiras – conferem destaque para o cotidiano. Leituras heideggerianas da educação apontam para o fato de que a vida cotidiana não é trivial, mas essencial para uma aprendizagem emancipadora e cuidadosa. É nesse espaço aparentemente simples que se acumulam as experiências, se constroem significados e se revelam as leituras de mundo. Em função disso, concluímos que Heidegger e Van Gogh podem lançar meditações ao campo da educação com o intuito de reforçar o reconhecimento dessa centralidade do cotidiano. Reconhecer que a existência se dá na concretude da vida implica reconhecer que é no existir ordinário que se encontra o extraordinário.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Referências

BATISTA, Gustavo Silvano; MARTINS, Leonardo Henrique Morais. A fenomenologia do ensino de filosofia como hermenêutica da sala de aula. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 34: nov. 2020 – abril 2021, p. 127-139.

GORNER, Paul. **Ser e tempo**: uma chave de leitura. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2018

GOGH, Vincent, v. **Cartas a Théo**. Seleção, tradução e notas de Fernando Scheibe. São Paulo: L&PM, 2007

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. Cuidado, educação e singularidade: ideias para uma filosofia da educação em bases heideggerianas. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 15, n. 24, p. 209–223, 2010.

LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. São Paulo: Zahar, 2004

NAIFEH, S.; SMITH, G. **Van Gogh**: a vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

STEINER, George. **As ideias de Heidegger**. São Paulo: Cultrix, 1978